

# BOLETIM CENTRO TAMAR

— ICMBio - MMA —





Participaram da construção do PAN Tartarugas Marinhas 3º Ciclo servidores da COPAN/ICMBio, do Centro TAMAR/ICMBio e de Unidades de Conservação marinho costeiras, além de especialistas dos meios acadêmico, sindical, representantes do setor portuário, e de ONGs que atuam na conservação das tartarugas marinhas na costa brasileira.

## Um plano para chamar delas

Quando se pensa em planejamento de médio e longo prazos, os Planos de Ação Nacional para Conservação das Espécies Ameaçadas de Extinção - PANs - são a política pública pela qual o ICMBio coloca no papel e torna oficiais diversas ações práticas que geram benefícios reais para a proteção de uma ou mais espécies ameaçadas de extinção. Desde a oficina realizada em agosto de 2023, os novos objetivos e ações foram cuidadosamente revisados e entrou em vigor o novo ciclo do PAN Tartarugas Marinhas a partir da publicação da Portaria ICM-Bio nº 1.544, no Diário Oficial, dia 22/05/2024.

O grupo participante, formado por servidores do ICMBio, pesquisadores e representantes de instituições que atuam na costa brasileira do Rio Grande do Sul até o Pará, chegou a um objetivo geral e sete objetivos específicos, com ações detalhadas do caminho que se pretende trilhar neste 3º Ciclo do PAN nos próximos cinco anos.

**Reduzir as ameaças e pressões às tartarugas marinhas e seus *habitats*, por meio do**

**aprimoramento das ações de conservação, pesquisa, monitoramento e políticas públicas, visando diminuir o risco de extinção dessas espécies.** “Com esse objetivo geral a equipe delimitou trilhas desse percurso, que envolvem recursos (financeiros e humanos) e parcerias”, frisa o coordenador do Centro TAMAR/ICMBio Joca Thomé.

### Objetivos do PAN

**A captura incidental na pesca** – aquela que ocorre sem a intenção de pescar determinada espécie – é uma das grandes responsáveis pela mortalidade de tartarugas marinhas em todo o planeta e também no Brasil. Para reduzir as ocorrências de tartarugas pescadas incidentalmente, o desafio é complexo e de longo prazo, levando em consideração as diferentes pescarias, desde as industriais (em muitos casos internacionais) até as artesanais, muitas vezes com populações tradicionais que pescam há muitas gerações. Diversas medidas mitigadoras já foram desenvolvidas, mas a sua utilização prática ainda é insuficiente. Assim, é importante aprimorar

os dados sobre as diferentes pescarias e áreas de interação com tartarugas marinhas, além de intensificar o diálogo e a disseminação das informações junto aos pescadores.

## **Ordenamento territorial costeiro e**

**marinho** – Organizar o desenvolvimento na costa envolve o planejamento que leve em consideração as variáveis ambientais. A perpetuação das populações de tartarugas marinhas, que sobem às praias a cada temporada reprodutiva para desovar, é incompatível com orlas iluminadas em excesso, bem como com construções que desrespeitem o distanciamento mínimo previsto em legislação.

Assim, este objetivo específico resultou na elaboração de ações que envolvem a articulação com instituições responsáveis pelo zoneamento e gestão territorial costeira e marinha, incluindo governos estaduais e municipais, além do setor da construção civil, para que sejam implementadas medidas de mitigação aos impactos da ocupação costeira tais como: fotopoluição, trânsito de veículos e de embarcações, entre outros.

Outras ações planejadas incluem avaliar e propor medidas mitigadoras de impactos relacionados a atividades portuárias, assim como levar ao conhecimento geral as informações do Guia de Licenciamento - Tartarugas Marinhas 2ª Edição – publicação elaborada pelo Centro TAMAR/ICMBio – visando ao aprimoramento dos processos de licenciamento ambiental.

## **Redução de impactos e monitoramento nas praias de desova**

– As fêmeas de tartarugas marinhas sobem às praias durante a temporada reprodutiva para um espetáculo que se repete ano a ano. Reduzir os impactos sobre esses locais, monitorando e mantendo a qualidade desses *habitats* reprodutivos é crucial para que as cinco espécies que ocorrem no

litoral brasileiro possam continuar esse ciclo. Daí a importância de se aperfeiçoar as medidas de proteção dos ninhos de tartarugas marinhas em relação a impactos como o trânsito de veículos e a predação por animais domésticos, exóticos e silvestres.

Classificar as áreas reprodutivas, definindo, de forma participativa, os conceitos e critérios adotados para priorização destas praias é outro desafio deste 3º Ciclo do PAN Tartarugas Marinhas. “Também é importante ampliar os estudos/projetos de marcação e recaptura, e de telemetria de tartarugas marinhas”, frisa o analista ambiental do Centro TAMAR/ICMBio Claudio Bellini.

## **Avaliação e redução dos impactos dos diferentes tipos de poluição**

– Praias e mares poluídos representam prejuízos incalculáveis, tanto para a biodiversidade marinho-costeira quanto para o homem. E quando se pensa em poluição e tartarugas marinhas os impactos podem ocorrer não só por resíduos sólidos como o plástico, mas também por contaminantes químicos e pela poluição luminosa (fotopoluição). Avaliar e reduzir os impactos desses diferentes tipos de poluição para as tartarugas marinhas e degradação de seus *habitats* é um dos objetivos do 3º Ciclo do PAN Tartarugas Marinhas.

Entre as ações estão mapear as áreas impactadas pela fotopoluição e propor medidas de mitigação desses efeitos para as tartarugas marinhas; bem como identificar as fontes da poluição sonora e avaliar as medidas de mitigação de seus efeitos às tartarugas marinhas.

Outro desafio é levar à sociedade informações sobre os impactos provocados por essas diversas formas de poluição às tartarugas marinhas (química, sonora, por resíduos sólidos, por fotopoluição e pela pesca fantasma).

Esta última corresponde aos impactos de redes de pesca, anzóis e outros equipamentos de pesca que são perdidos, abandonados ou descartados no mar, permanecendo ativos e continuando a capturar animais marinhos. Por meio de cartilhas, livros, notícias na mídia, conteúdos em redes sociais e campanhas junto às comunidades locais, o objetivo principal é gerar uma sociedade mais bem informada sobre todos esses impactos às tartarugas marinhas.

## **Avaliação e mitigação dos efeitos das mudanças climáticas**

- Outra temática que ganhou mais importância nesse novo ciclo do PAN é a das mudanças climáticas e seus efeitos sobre as populações de tartarugas marinhas. Os principais impactos a serem melhor compreendidos e enfrentados são a erosão costeira e as alterações biológicas e ecológicas resultantes do aumento da temperatura.

É importante identificar as áreas de desovas potencialmente afetadas por eventos relacionados às mudanças climáticas (tais como praias erodidas e inundáveis). Além disso, com a tendência de aumento da temperatura da areia das praias, pode haver desequilíbrios na relação entre filhotes fêmeas e machos nos ninhos. As ações e estudos de médio e longo prazo relacionadas a esses impactos serão realizadas por uma série de instituições de pesquisa.

## **Protocolos de Boas Práticas de Manejo**

- Pegar filhotes de tartaruga marinha com a mão para *selfies* é um exemplo de atividade que pode parecer inocente, mas estressa ou contamina os animais e por isso não é recomendada pelos especialistas que atuam na conservação dessas espécies. Este tema dos protocolos para evitar as interações indevidas e o manejo inadequado foi bastante debatido entre os participantes da Oficina do 3º Ciclo do PAN, considerando a linha tênue que existe entre o manejo

que auxilia na conservação e as interações que comprometem diferentes etapas do ciclo de vida desses animais, podendo chegar inclusive ao molestamento destes. Além da atualização dos protocolos para padronizar o que pode e o que não pode acontecer na interação com as tartarugas adultas e com seus ninhos e filhotes, também está previsto o aprimoramento do sistema nacional de marcação de tartarugas marinhas, implementando controle, capacitação e divulgação das informações junto às diversas instituições que marcam animais.

“Já temos um protocolo de manejo de tartarugas marinhas (adultos, ninhos e neonatos) vigente no momento, mas uma das ações será a atualização dele e a ênfase será divulgá-lo da forma mais ampla possível”, explica a analista ambiental do Centro TAMAR/ICMBio, Kelly Bonach.

Um Guia de Conduta Consciente, direcionado ao ordenamento do turismo nos diversos ambientes de ocorrência das tartarugas marinhas, é outra ação prevista de modo a disseminar as informações junto à população em geral.

## **Avaliação e redução do uso direto**

- Embora o consumo de ovos, de carne de tartarugas e o comércio ilegal de produtos feitos com o casco desses animais tenham sido consideravelmente reduzidos no Brasil nas últimas décadas, em certas localidades essa ainda é uma infeliz realidade. Para frear essas atividades ilegais, passíveis de punição pela Lei de Crimes Ambientais nº 9.605/98, é importante inicialmente um levantamento das áreas onde há evidências desses impactos, possibilitando um dimensionamento do uso direto de tartarugas e ninhos ao longo da costa do Brasil.

Ações de comunicação estão previstas para as localidades críticas para esta ameaça, como instrumento de sensibilização sobre a proibição de tais práticas.

Finalmente, após esses levantamentos de evidências e ações voltadas para coibir o uso direto, se necessário serão fomentadas ações junto aos órgãos fiscalizadores.

**O que são os PANs?** - São instrumentos de gestão, construídos de forma participativa, visando o ordenamento e a priorização de ações para a conservação da biodiversidade e seus ambientes naturais, com um objetivo estabelecido em um horizonte temporal definido (5 anos).



Oficina do PAN Tartarugas Marinhas 3º Ciclo coordenada pela COPAN/ICMBio em Novembro/23.



Coordenador do Centro TAMAR ICMBio na abertura dos trabalhos.



Trabalho em grupos permitiu maior detalhamento de cada objetivo específico.

Alejandro Fallabrino  
Pesquisador e Fundador da REDE ASO  
Convidado



*Pesquisador Alejandro Fallabrino no Sul de Bioko, Guiné Equatorial, em outubro de 2018. (Crédito: A. Fallabrino)*

## Conservação das tartarugas marinhas no Brasil e os desafios na África

Nesta 5ª Edição do Boletim entrevistamos Alejandro Fallabrino, pesquisador, diretor fundador e executivo do Karumbé – Centro de Tartarugas Marinhas, desde 1999, no Uruguai. Em 2003 ele fundou junto com parceiros do Brasil e Argentina a Rede ASO, Rede de Pesquisa e Conservação de Tartarugas Marinhas no Atlântico Sul Ocidental, integrando assim os principais grupos atuando nesses países.

Alejandro é membro do Grupo de Especialistas em Tartarugas Marinhas e de Água Doce (IUCN/SSC). Em 2005, foi nomeado Vice-Presidente para a Região do Atlântico Sul do Grupo de Especialistas em Tartarugas Marinhas da IUCN, junto com Neca Marcovaldi e Joca Thomé, do Brasil.

É membro da Society for Conservation Biology. Foi Delegado do Uruguai na Associação Latino-Americana para Conservação e Manejo da Vida Selvagem, e nomeado coordenador da CMAP-Marine (Comissão Mundial de Áreas Protegidas – IUCN) para Argentina, Brasil e Uruguai em 2008.

Coordena o trabalho de campo do projeto Tartarugas Marinhas da Guiné Equatorial (África) desde 2009, e é membro do Conselho da International Sea Turtle Society desde 2012. Já representou Karumbé em 15 reuniões da RETOMALA - Rede de Especialistas em Tartarugas Marinhas da América Latina, sendo organizador em três delas.

Além de pesquisador e conservacionista, Fallabrino tem atuado por muitos anos contra o tráfico ilegal de vida selvagem, chegando a integrar o TRAFFIC Sudamérica – WWF no Uruguai de 1988 a 1995, tendo criado a Rede de Informação sobre Tráfico de Espécies Anti Tráfico Neotropical (ATN) e a Rede Tortugas Marinas Neotropicales (TMN).

Possui 18 publicações em revistas especializadas, quatro capítulos de livros, 80 trabalhos apresentados em conferências e colaborou com o manual de recomendações para o resgate de aves, tartarugas e mamíferos marinhos do Ministério do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável da Argentina

Pelos seus trabalhos recebeu a Medalha de Ouro, concedida pelo Conservation Leadership Program, e o Prêmio Mash em Liderança em Conservação Marinha.

### **Como você avalia o trabalho do Brasil na conservação das tartarugas marinhas?**

No que diz respeito ao Brasil, o pioneiro é o TAMAR, nesses mais de 40 anos. E o Brasil vai muito bem nesse trabalho de conservação e monitoramento de tartarugas marinhas, seja pela Fundação Projeto TAMAR ou pelo Centro TAMAR-ICMBio. Nesse meio tempo, outros iniciaram esse trabalho como ONGs, universidades e o TAMAR ajudou muitos desses projetos a se fortalecerem, assim como a pesquisa e conservação na costa brasileira, em temas importantes como o da pesca, e mesmo de pesquisa dos impactos da indústria de óleo e gás.

Acredito que agora uma rede de muitas instituições brasileiras esteja trabalhando em colaboração, em prol das tartarugas. E de fato não se trabalha conservação sozinho, mas tem que se formar uma estrutura de pessoas que queiram colaborar. Nos eventos internacionais relacionados às tartarugas marinhas, no passado, ia somente o TAMAR representando o Brasil, e atualmente vão outras instituições, ONGs, universidades e pesquisadores nesses eventos, numa mistura bem interessante nesses simpósios mundiais.

Brasil tem uma costa expressiva. Toda essa conexão do norte, do Caribe e parte africana, o Brasil é chave. Muitos novos projetos no mundo se inspiram no TAMAR. Pioneiro nessa complexidade, é forte na busca por recursos, parcerias, fortalecendo agentes locais. Para o mundo o Brasil é muito importante, compartilhando toda essa experiência e marcando presença em reuniões e fóruns internacionais. A população que se encontra no mundo, e que se mantém em outros

locais, como sul do Uruguai, Argentina e em alguns países da África, é consequência do trabalho de conservação que vem sendo promovido ao longo desses anos no Brasil.

### **Fale um pouco sobre o trabalho do ASO, Brasil, Argentina e Uruguai, nesse trabalho de conservação.**

Quando eu iniciei o ASO – Rede de Pesquisa e Conservação de Tartarugas Marinhas do Atlântico Sul Ocidental, e comecei o Projeto Karumbé (1999), comecei a visitar diferentes bases da Argentina e do Brasil para falar com ONGs e pesquisadores, que tínhamos que trabalhar em conjunto, e formar uma rede gigante do Atlântico Sul, porque são as mesmas tartarugas (animais transfronteiriços) que se alimentam e frequentam a costa de um país e desovam em outro país. E em 2003 tivemos a primeira reunião do ASO em Montevideu, Uruguai. Foi muito interessante pois a participação de brasileiros, e em especial do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, foi expressiva.

Naquele tempo o TAMAR não tinha essas conexões fortes e o ASO permitiu isso também, fortalecer o Brasil. O ASO permitiu mostrar ao TAMAR a importância de trabalhar em colaboração com Uruguai e Argentina, fortalecendo com isso o Brasil. Por isso estou bem contente que, depois de 25 anos da REDE ASO, estamos trabalhando em colaboração, trocando muita informação, fazendo muitos trabalhos e *Papers*, com muitos dados de todos os países. E isso tem uma força, em nível mundial, em pesquisa de tartarugas marinhas, que é impressionante!

### **Poderia contextualizar um pouco da história e importância da REDE ASO?**

A REDE ASO é uma rede muito visada pelos pesquisadores dos EUA, Europa, Austrália pela maneira como se formou e como

trabalhamos, em uma união que é complexa, considerando que o trabalho com espécies ameaçadas não é fácil. Mas os pesquisadores têm uma energia, considerando o monitoramento desses animais migratórios, pois a mesma tartaruga está no Uruguai, em 10 dias está no Brasil e logo em seguida na África. A conexão desses pesquisadores é bem interessante. Gosto muito porque trabalhamos com muita colaboração.

Depois que se criou a REDE ASO, começamos uma conexão com a África, considerando essa migração das tartarugas marinhas, e em especial, o processo de desovas da tartaruga-de-couro (*Dermochelys coriacea*) no Gabão, Guiné Equatorial, Nigéria e outros. Elas migram para o sul do Brasil, Uruguai e Argentina para se alimentar e sabíamos que tínhamos que traçar uma conexão forte. Foi quando, em 2006, fui ao Gabão e comecei todo um trabalho com países da África Central, de que era importante fazermos uma conexão forte.

## E como o trabalho com a África foi se consolidando?

E foi assim que Angela Formia, uma pesquisadora italiana que trabalha muito na África, veio para uma reunião do ASO no Brasil e foi incrível, porque ela pôde mostrar os projetos e os problemas na África, de morte de tartarugas. E se estamos fazendo um trabalho de conservação no Brasil e Argentina, onde se investe recursos e horas de trabalho, para salvar as tartarugas e protegê-las, quando elas chegavam na África para desovar, eram mortas.

Daí a importância de fortalecer essa conexão cada vez mais. Devido à distância isso não é fácil. Mais gente do Brasil e Argentina passou a trabalhar na África, e vice-versa. Mais africanos vieram para capacitação no Brasil para projetos como

TAMAR e no Uruguai, para conhecerem como se trabalha com tartarugas marinhas, e ideias de como fazer conservação.

Na África eles precisam de muita ajuda porque o problema é grave. Assim como temos problemas graves com pescarias no Atlântico Sul Ocidental, que mata muita tartaruga, na África o tema é sobretudo a ameaça sobre as desovas das fêmeas, ocasião em que elas são mortas para consumo.

Ou seja, como foi no começo do trabalho do TAMAR, no Brasil. E no passado havia consumo de carne e ovos de tartarugas marinhas, e a comunidade foi mudando a partir do trabalho com pescadores como agentes locais. Acredito que a REDE ASO pode ajudar muito a África, daí termos que fortalecer essa relação. Precisamos criar uma conexão REDE ASO-África cada vez mais forte.



Pesquisador Alejandro Fallabrino na praia Cahuitan, Oaxaca, México, em fevereiro de 2008 (Crédito: A. Fallabrino)

## Podemos falar sobre a situação da conservação em nível mundial?

No contexto mundial temos de tudo. A IUCN publicou a Lista Vermelha e classificou as

tartarugas marinhas por espécie e região (MRU- *Management Regional Units's\**). No Atlântico Sul temos 5 espécies de tartarugas marinhas entre elas a tartaruga-de-couro (*Dermochelys coriacea*) que desova na África e se alimenta no sul do Brasil, Uruguai e Argentina, mas não tem conexão com a população do norte (Colômbia, Canadá, Flórida e EUA) constituindo, com isso, duas populações diferentes. Daí a importância de se armar estratégias locais. Um exemplo é a *Dermochelys coriacea*, que está criticamente ameaçada de extinção, cuja população no Brasil, desova no Norte do ES.

Temos que fortalecer o trabalho de conservação com essas cinco espécies. Algumas espécies estão melhores. E por quê? No caso específico da tartaruga-cabeçuda, o trabalho de mais de 40 anos do TAMAR é incrível. A estratégia de proteção dos filhotes fez com que a população dela aumentasse ao longo desse tempo e ela não está em perigo, mas vulnerável. Mas existem novas ameaças.

### **Entre as ameaças às tartarugas marinhas, quais você destaca?**

A pescaria é uma ameaça de muitos anos, mas que se fortalece a cada ano pela quantidade de barcos. E, por exemplo, com a tartaruga-verde (*Chelonia mydas*), na Ilha de Trindade/ES/Brasil e outras Ilhas do Atlântico, foi feito um trabalho de conservação e a população também aumentou com juvenis na costa brasileira, uruguaia e argentina. E entre as novas ameaças para essa espécie, que come algas, está o plástico.

Quando se fez todo o trabalho da Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas de Extinção para ver o *status* de conservação da tartaruga-verde no Atlântico Sul, ela estava em perigo, a população melhorou, mas existem novas ameaças.

### **E o que vamos fazer com isso?**

Os dados podem dizer que a situação está melhorando, mas cada vez mais indivíduos morrem em função do plástico, além da ameaça das pescarias que matam todas as espécies.

Pela experiência, a partir de todo o trabalho que venho desenvolvendo há mais de 20 anos, no Uruguai, essa temática do plástico é complexa. Porque em toda a zona sul do Brasil e Uruguai são os lugares onde se morre mais tartaruga-verde juvenil do mundo, por causa dos plásticos. Lamentavelmente essa ameaça considero a mais complexa.

Estamos trabalhando em parceria, compreendendo as informações e pesquisas acerca de para onde está migrando o plástico, e onde estão se alimentando as tartarugas verdes. O desafio é como fazer estratégias eficazes, por ser um tema tão complexo. Outro desafio é a frota de pescarias, que no Uruguai é pequena, na Argentina é mediana, mas no Brasil é gigante. Tem muitas capturas incidentais de tartarugas marinhas nas redes de pesca e que repercutem em muitos encalhes em toda a costa brasileira, uruguaia e argentina e isso é muito grave.

### **O que você gostaria ainda de enfatizar sobre esse trabalho?**

A conservação de tartarugas marinhas no Atlântico Sul Ocidental tem melhorado muito, por causa de ações de instituições como TAMAR e de todos os novos projetos de conservação que se abriram no Brasil, no Uruguai e na Argentina. O vai acontecer no futuro? Não sabemos. Há estratégias de conservação importantíssimas, como criar áreas marinhas protegidas, investir cada vez mais em educação ambiental, mas todas essas são ações de longo prazo. Ações importantes estão sendo executadas agora e precisam continuar.

\* Unidade Regional de Manejo



Participantes do ASO 2023 | Em La Paloma, Uruguai

## Centro TAMAR/ICMBio marca presença em encontro da REDE ASO no Uruguai

Os analistas ambientais Gabriella T. Pizetta, Erik A. P. dos Santos e o técnico ambiental João Camargo representaram o Centro TAMAR/ICMBio na X Reunião da REDE ASO – Tartarugas e da IX Conferência sobre Conservação e Pesquisa de Tartarugas Marinhas do Atlântico Sul Ocidental, realizada em novembro de 2023, na cidade de La Paloma, Uruguai. Esta foi a 10ª edição do evento, que marcou os 20 anos da Rede ASO, e contou com a participação de 144 inscritos, 15 da Argentina, 73 do Brasil, 55 do Uruguai e 1 dos Estados Unidos. O evento possibilitou a interação com pesquisadores do Brasil, Argentina e Uruguai - favorecendo o compartilhamento de informações entre diferentes grupos de pesquisa e conservação. Os trabalhos apresentados pelo Centro TAMAR tiveram como foco as políticas públicas para avaliação e mitigação de impactos às tartarugas marinhas e seus ambientes.

Um dos temas prioritários do PAN Tartarugas Marinhas, a captura incidental na pesca, possibilitou rica troca de experiências e resultados sobre as principais ameaças para as tartarugas marinhas.

A Rede ASO-Tartaruga foi formada em 2003, reunindo grupos de pesquisa e pesquisadores individuais de três países: Brasil, Uruguai e Argentina, que juntos integram o Atlântico Sul Ocidental (ASO).

A Rede inclui mais de 100 membros que trabalham e pesquisam nas zonas de alimentação e vida das tartarugas marinhas nos três países, que se reúnem regularmente para colaborar e partilhar informações, resultados das pesquisas, melhores práticas e estratégias de conservação. Das 7 espécies existentes no mundo, 5 utilizam o litoral dos países que integram o ASO como

corredor de alimentação, desenvolvimento e migração: *Caretta caretta* (tartaruga-cabeçuda), *Chelonia mydas* (tartaruga-verde), *Dermochelys coriacea* (tartaruga-de-couro), *Eretmochelys imbricata* (tartaruga-de-pente), *Lepidochelys olivacea* (tartaruga-oliva). O Brasil se destaca por ser o único país que também possui as áreas de reprodução destas 5 espécies.

Embora as espécies de tartarugas marinhas sejam protegidas por lei nos 3 países, as atuais ações de investigação, conservação e proteção não são suficientes para garantir a sua sobrevivência na região, pois as ameaças no mar são crescentes.

- ## Os trabalhos apresentados pelo Centro TAMAR/ICMBIO
1. Telemetria por Satélite de Tartarugas Marinhas no Brasil: iniciativas relacionadas ao Licenciamento Ambiental de Empreendimentos;
  2. Guia de Licenciamento – Tartarugas Marinhas: Diretrizes para Avaliação e Mitigação de Impactos de Empreendimentos Costeiros e Marinhos;
  3. Pesquisas com Tartarugas Marinhas submetidas ao Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade - SISBIO/ICMBIO;
  4. Desafios à Sustentabilidade Ecológica na Gestão de Recursos Pesqueiros em Áreas Marinhas Protegidas;
  5. Atuação do Centro Tamar/ICMBio na mitigação de impactos de empreendimentos às Tartarugas Marinhas no litoral brasileiro.



Apresentação de Gabriella T. Pizetta no ASO.



Banco de Imagens Rede ASO (2023).



Analistas Ambientais Gabriella T. Pizetta, Erik Allan P. dos Santos e Tec. Ambiental João Camargo em apresentação de Pôsteres.



Equipe brasileira foi presenteada com trajes típicos beninenses.

## ICMBio participa de missão de prospecção no Golfo de Benim, África

O ICMBio esteve representado pelo Centro TAMAR/ICMBio e CMA/ICMBio, em uma missão de prospecção para negociação de projeto na área de proteção de tartarugas marinhas e outros animais marinhos, no âmbito da Cooperação Sul-Sul Brasil-Benin, promovida pela ABC (Agência Brasileira de cooperação) em Cotonou, Grand-Popo e Vale de Ouémé, promovida no período de 15 a 24 de junho, no Golfo do Benim, África.

“Numa missão de prospecção, a Agência Brasileira de Cooperação elabora um projeto, com base em uma nota conceitual, para apoiar com *expertise* de profissionais do governo e de parceiros, os países que possuem acordos de cooperação entre si. Em particular com o país Benim, no acordo Sul-Sul, o Centro TAMAR/ICMBio auxiliará na elaboração de estratégias de conservação de tartarugas marinhas, e receberá técnicos do Benim interessados em receber treinamento para qualificação na área de conservação marinha”, explica o analista ambiental Claudio Bellini, que participou da missão.

Foi feita visita a campo, e a partir daí atividades acontecerão, com especialistas de Benim vindo ao Brasil para receberem treinamentos, pelo projeto intitulado “Apoio ao fortalecimento do Centro de Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável para a proteção de espécies marinhas ameaçadas e em perigo (tartarugas marinhas, baleias, peixe-boi africano, tubarões) - (CEEDD - GBENAWA)”.



Analista ambiental do Centro TAMAR/ICMBio, Claudio Bellini, com a chefe de gabinete do Ministério de Qualidade de Vida e Transporte do Governo do Benim.

Pelo Brasil participaram o analista de projeto da Agência Brasileira de Cooperação (ABC) / Ministério das Relações Exteriores (MRE), Isaac José Barbosa Vergne;

a assistente de projeto da ABC/MRE, Maria Fátima Sousa e o intérprete da ABC/MRE, Paulo Cohen; os analistas ambientais do ICMBio Claudio Bellini, pelo Centro TAMAR/ICMBio; e Ingrid Oberg, pelo CMA/ICMBio; o Diretor Nacional de Sustentabilidade da Fundação Projeto Tamar, Augusto Cesar Coelho Dias da Silva e o diretor de Desenvolvimento Institucional do Instituto Baleia Jubarte, Jose Truda Palazzo Júnior.

Por parte de Benim, participaram o diretor geral da Agência Beninense para o Meio Ambiente (ABE), do Ministério do Ambiente de Vida e dos Transportes, responsável pelo Desenvolvimento Sustentável (MCVT), François-Corneille Kadowide; e o presidente da ONG Nature Tropicale, Josea S. Dossou Bodjrenou.

Os sete especialistas brasileiros contam com expertise nas áreas de Gestão (monitoramento e avaliação) de projetos, Pesquisa e conservação de tartarugas marinhas, seus habitats e cogestão com comunidades costeiras da costa brasileira; educação ambiental, turismo local, desenvolvimento de regulamentações ambientais e trabalho socioambiental comunitário, manejo de encalhes e informações sobre mamíferos aquáticos no Brasil.

Entre as atividades que os especialistas brasileiros promoveram na missão estão o mapeamento dos atores-chave das instituições benineses para apoiar a implementação do futuro projeto nas áreas de proteção animal, educação escolar e comunitária ambiental, pesquisas na área ambiental, mobilização social ambiental; o mapeamento de possíveis locais para instalação de um centro de pesquisa e análise das condições atuais da infraestrutura da ONG Nature Tropical e da Agência Beninense de Meio Ambiente (ABE).

Outras agendas foram o mapeamento dos

locais turísticos relacionados aos animais marinhos; levantamento das políticas/legislações na área ambiental existentes e vigentes no país, além de acordos internacionais assinados; a definição das espécies marinhas que serão objeto do projeto de cooperação técnica Sul-Sul; visitas às comunidades locais diretamente relacionadas com as espécies marinhas ameaçadas; e visitas a locais de desova das tartarugas marinhas e da presença de baleias.

## Conheça um pouco sobre Benim

A República do Benim, conhecido como Daomé, é um país da região ocidental da África limitado a norte pelo Burkina Fasso e pelo Níger, a leste pela Nigéria, a sul pela Enseada do Benim e a oeste pelo Togo. A capital constitucional é a cidade de Porto Novo, mas Cotonu é a sede do governo e a maior cidade do país. O país tem 112 622 km<sup>2</sup> e uma população de 10 milhões de habitantes. A língua oficial do Benim é o francês, sendo que os dialetos fom, bariba, iorubá e dendi também são falados.

A principal atividade econômica desenvolvida no país é a agricultura de subsistência, destacando-se o cultivo de milho, feijão, arroz, amendoim, caju, abacaxi e mandioca. O país é exportador de algodão e produtos têxteis. O norte do território beninense é a região mais pobre. No Sul, a pesca e a agricultura sustentam a economia.

Benim é integrante de várias organizações internacionais, como as Nações Unidas, a Organização para a Cooperação Islâmica, Organização Internacional da Francofonia e Zona de Paz e Cooperação do Atlântico Sul, sendo membro, também, de organizações regionais como a União Africana, Comunidade Econômica dos Estados da África Ocidental, Comunidade dos Estados do Sahel-Saara, Organização Africana de Produtores de Petróleo e a Autoridade da Bacia do Níger.



Grupo de 15 países que se reuniram na COP 11, da IAC, em Manta, Equador.

## Na COP11, no Equador, Centro TAMAR/ICMBio representa o Brasil

Perda de habitat, poluição, alterações climáticas e comércio ilegal. Essas são algumas das ameaças que foram debatidas, de 11 a 14 de junho, na Conferência das Partes (COP11), da Convenção Interamericana para a Proteção e Conservação das Tartarugas Marinhas (IAC), em Manta, Equador.

O Brasil, representado pelo diplomata da Divisão de Biodiversidade do Ministério das Relações Exteriores (MRE), Angelo Paulo Sales dos Santos e pelo coordenador do Centro TAMAR/ICMBio Joca Thomé, marcou presença e se uniu a outros 14 representantes de países americanos, 3 países observadores, e instituições de pesquisa e conservação, que estiveram neste fórum crucial de cooperação e de formulação de políticas públicas visando uma análise cada vez mais abrangente da situação das tartarugas marinhas no continente e mares americanos e caribenhos.

Entre as discussões, destacou-se a necessidade de planos de ação concretos, objetivos e mensuráveis visando à conservação

das tartarugas marinhas em todo o mundo, avançando e indo para além das discussões, e chegando efetivamente a fases cada vez mais executivas por cada país membro.



Diplomata da Divisão de Biodiversidade do MRE, Angelo Paulo Sales dos Santos, e Coordenador do Centro TAMAR/ICMBio, Joca Thomé.

A importância das tartarugas marinhas para o equilíbrio ecológico se torna indiscutível, tendo em vista que esses animais transfronteiriços são vitais para a saúde dos ecossistemas marinhos, desempenhando papéis fundamentais na ciclagem de nutrientes e na manutenção da saúde dos oceanos e da costa, onde se

encontram ricos ecossistemas como os corais, manguezais, restingas e Ilhas oceânicas.

“O Brasil tem um legado de conservação das tartarugas marinhas, ao longo de mais de 40 anos de ações efetivas, revelando ao mundo que é possível agir e fazer com que as espécies saiam do status de ameaça em que se encontram. Tanto que chegamos à redução do status de ameaça de quatro, das cinco espécies que frequentam a costa brasileira – tartarugas cabeçuda, oliva, de pente e verde”, reforça o coordenador do Centro TAMAR/ICMBio Joca Thomé.



O coordenador do Centro TAMAR/ICMBio Joca Thomé entregou o Guia de Licenciamento - Tartarugas Marinhas 2ª Edição ao vice-ministro do Meio Ambiente, Água e Transição Ecológica do Equador, Edgar Fabricio Heredia Salazar.

Para o diplomata da Divisão de Biodiversidade do Ministério das Relações Exteriores (MRE), Angelo Paulo Sales dos Santos, a 11ª Conferência das Partes (COP11), da Convenção Interamericana para a Proteção e Conservação das Tartarugas Marinhas (CIT), foi bem-sucedida. “As delegações tiveram a oportunidade de intercambiar informações técnicas e discutir políticas de conservação desses animais, considerados grandes indicadores da qualidade ambiental dos oceanos”, frisou Santos.

Como espécies migratórias, Santos destaca que a “a proteção das tartarugas marinhas só terá êxito se houver cooperação entre os

países de ocorrência desses animais” e reforçou a presença significativa dos representantes dos países membros da CIT, na COP11, o que, segundo ele, “demonstra o compromisso regional com a conservação e proteção das tartarugas marinhas”.

O diplomata da Divisão de Biodiversidade do MRE destacou, ainda, a participação de organizações locais dedicadas à conservação das tartarugas, “fazendo lembrar a todos que o envolvimento da sociedade civil, em particular das comunidades locais de áreas de reprodução e desova, é fundamental para o sucesso das políticas de conservação”. Quando arguido sobre o papel do Centro TAMAR/ICMBio/MMA nesse processo, Santos foi enfático: “O Centro TAMAR tem histórico de sucesso no desenvolvimento e implementação de políticas e ações de conservação das tartarugas marinhas, que fazem do Brasil, hoje, uma referência internacional em conservação marinha. Em parceria com o Ministério das Relações Exteriores, o Tamar tem participado da agenda internacional relacionada à proteção das tartarugas marinhas, contribuindo ao compartilhar a experiência brasileira com todos os países que tenham interesse no tema”.

Como consequência de todo esse processo, longo e de esforços entre países, estarão os benefícios colhidos por todo o mundo: da conservação dessa rica biodiversidade, da proteção dos principais ecossistemas que as tartarugas utilizam e da promoção de um turismo pautado em bases sustentáveis.

Outro desafio gigantesco que foi debatido é o uso de medidas mitigadoras na pesca e que venham a reduzir a morte de tartarugas marinhas - o que envolve monitoramento dessas pescarias, a adoção e o engajamento cada vez maiores

por parte dos pescadores em relação ao uso das medidas mitigadoras, entre elas o anzol circular entre outras, definindo prazos para que essas ações sejam mais implementadas.

Outras discussões foram: o estabelecimento de metas para a restauração de *habitats*, tais como o número de quilômetros de praias de nidificação das tartarugas marinhas (onde fêmeas depositam seus ninhos) que devem ser protegidas visando a proteção dessas espécies ameaçadas de extinção, e o crescimento do número de áreas protegidas marinhas; mudanças climáticas e os impactos nessas espécies e seus *habitats*, que já são debatidas em Grupo de Trabalho e seguirão sendo temas de avaliação e discussão.

**Mensurar para avançar** - O fórum debateu o estabelecimento de mecanismos de medição do desempenho na conservação das tartarugas marinhas, como algo crucial para ser mensurada a eficácia desses esforços.

Como exemplos estão o balanço de cinco anos de relatórios anuais, com dados e informações sobre o estado de conservação das sete espécies de tartarugas marinhas que ocorrem no mundo, tendências dos números de desovas nas praias índices, taxa de sucesso das praias de nidificação e a redução de ameaças como a caça predatória, coleta de ovos e a captura incidental na pesca.

Espera-se, a partir desta Conferência, que a IAC avance ainda mais no alcance dos seus objetivos, que passam pelo desenvolvimento de melhores condições de trabalho, reforço quanto à aplicação das resoluções existentes e à promoção da sensibilização pública gerando, com isso, engajamento maior da sociedade em todo esse processo.



15 países membros marcaram presença na COP11, da IAC.



Secretária Executiva da CIT, Verónica Cáceres, prefeita da cidade de Manta, no Equador, Marciana Valdivieso, e ministra do Meio Ambiente, Água e Transição Ecológica do Equador, Sade Fritschi, acompanhada do vice-ministro da mesma pasta, Edgar Fabricio Heredia Salazar na abertura da COP11/IAC. (da esq. para dir.)



Divididos em grupos de trabalho, países puderam conhecer experiências de educação e sensibilização ambiental.



João Camargo em ação de monitoramento - ONG Projeto Tartarugas da Babitonga/SC

## Base do Centro Tamar em Santa Catarina

A Base Avançada do Centro TAMAR/ICMBio em Florianópolis-SC foi criada em 2005, com o objetivo de contribuir, por meio de ações de conservação, nas áreas de alimentação das tartarugas marinhas das espécies verde, de pente, cabeçuda e de couro.

O sul do Brasil é área de alimentação ou área de passagem para outras áreas de alimentação por parte dessas espécies, ainda na fase juvenil. O trabalho do Centro TAMAR foca em mitigar os impactos da pesca. E nesse sentido, a Base atua nas áreas de Pesquisa e Monitoramento das Pescarias, por meio de ações do Plano de Ação Nacional para Conservação das Tartarugas Marinhas - PAN Tartarugas Marinhas e do PAN Tubarões e Raias.

Na Base é feito, ainda, o acompanhamento das ocorrências de encalhes e emalhes de tartarugas marinhas (por meio dos Programas de Monitoramento de Praias-PMP) na região sul do Brasil.

O técnico ambiental João Camargo lotado na Base do Centro TAMAR/ICMBio em SC participa, ainda, do Grupo de Trabalho-GT Babitonga, que trata do licenciamento ambiental

portuário; é membro do Acordo de Cooperação Técnica firmado entre a Universidade Federal do Paraná (UFPR) e o ICMBio; e participa do PAN Aves Marinhas; e da Rede ASO.

“Estamos trabalhando na criação de uma nova unidade de conservação federal – prevista para o Albardão, assim como no monitoramento da ocorrência de juvenis das espécies verde e na captura intencional na região da Ilha de Florianópolis”, frisa Camargo.

João integra o Grupo Técnico de Trabalho-GTT sobre Capturas Incidentais na Pesca, coordenado pela DIBIO; bem como presta apoio técnico nos fóruns de pesca, tais como: Comitê Permanente de Gestão da Pesca de Atuns e afins - CPG Atuns e afins; Comissão Internacional para a Conservação do Atum do Atlântico – ICCAT; Convenção Interamericana para a Proteção e Conservação das Tartarugas Marinhas - CIT e Convenção sobre as Espécies Migratórias - CMS.

A Base analisa as solicitações para pesquisa com tartarugas marinhas no litoral sul, bem

como emite as referidas autorizações de licença via SISBIO, além de participar em eventos acadêmicos e científicos.



Ações de campo para captura de tartarugas verdes na Baía da Babitonga-SC

A Base do Centro TAMAR em Florianópolis é referência nas articulações com os parceiros na conservação de tartarugas marinhas na região Sul do Brasil e na REDE ASO, principalmente no tema de gestão pesqueira e medidas mitigadoras para captura incidental na pesca.

O corpo técnico da Base acompanha as evoluções no conhecimento científico e analisam informações de Bases de Dados disponíveis para qualificar as tomadas de decisão em prol da conservação da biodiversidade marinha impactada pela atividade pesqueira.

“A ausência de gestão pesqueira e a falta de monitoramento regular oficial, tem agravado os impactos da atividade pesqueira na biodiversidade marinha, e nesse sentido o Centro TAMAR vem cumprindo um importante papel de promover, fomentar ou apoiar pesquisas visando suprir a carência de informações sobre esse fator significativo de mortalidade de animais, para avaliação do risco de extinção”, explica João Camargo.

## Um pouco mais sobre SC:

Embora o sul do Brasil não seja área de reprodução das tartarugas marinhas, a costa brasileira ao Sul é um importante corredor de passagem, durante as longas migrações desses animais transfronteiriços, além de ser local de abrigo e alimentação de filhotes e juvenis das cinco espécies.

Itajaí-SC fica a 100 quilômetros de Florianópolis e reúne uma das maiores frotas de pesca industrial do Brasil. Diversas pescarias interagem com tartarugas marinhas. Na costa, as técnicas mais comuns que acabam capturando tartarugas incidentalmente são as redes de emalhe para lagosta, arrasto de fundo (para camarão), os cercos flutuantes e os fixos (currais), além das redes de emalhe para peixe.

Na pesca oceânica, as capturas são provocadas pelo espinhel e pela rede de emalhe à deriva, usada para capturar tubarões. No caso do espinhel, as tartarugas são fisgadas pelos anzóis quando se aproximam para comer as iscas. As redes prendem a tartaruga marinha no fundo do mar, impedindo que ela suba à superfície da água para respirar, o que provoca a sua morte por afogamento.

Em SC, um dos maiores problemas é a pesca com *longline* (espinhel pelágico), usado para captura de atuns e espadartes, mas que acaba fisgando as tartarugas incidentalmente.

Em alto mar as tartarugas interagem com as pescarias de peixes pelágicos, como atuns, agulhões, tubarões, sendo importante o uso das medidas mitigadoras, como anzóis circulares para diminuir a interação e a mortalidade destas espécies.

Fonte: Revista do Tamar, Ano 10, No 08, Ano 2005, com edições.



João Camargo em ação de monitoramento - ONG Projeto Tartarugas da Babitonga/SC (TABMAR).



Alunos de escolas do ensino fundamental após atividade de sensibilização ambiental promovida pelo Centro TAMAR em SC (2016).



Atividades de sensibilização e educação ambiental com alunos do ensino fundamental em SC (2016).



Barcos de pesca de emalhe em Florianópolis/SC.



Grupo Técnico de Trabalho (GTT) Capturas Incidentais na Pesca, criado em no Ibama e ativo no ICMBio, reunindo os Centros Nacionais de Pesquisa e Conservação Marinhos - CEPNOR, CEPENE, TAMAR, CEP SUL, CEMAVE e CMA (Dezembro/2022).

## Diretoria de Pesquisa, Avaliação e Monitoramento da Biodiversidade - DIBIO

Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Tartarugas Marinhas  
e da Biodiversidade Marinha do Leste - Centro TAMAR/ICMBio

### Boletim N° 05, Julho/2024.

Endereço da Sede: Av. Nossa Senhora dos Navegantes, 451, Ed. Petro Tower, sala 1601,  
Enseada do Suá, Vitória-ES, CEP 29.050-335.

### Conselho Editorial:

João Carlos Alciati Thomé, Claudio Bellini, Marcello Lourenço, Gabriella Tiradentes  
Pizetta, Evandro Arruda De Martini e Sandra Márcia Xavier Tavares.

### Redação:

Sandra Márcia Xavier Tavares, com colaboração de membros da Equipe  
Centro TAMAR/ICMBio.

### Equipe Centro TAMAR/ICMBio:

Andréia Quant Monteiro; Cecília Baptistotte; Cláudio Bellini; Erik Allan P. dos Santos;  
Evandro Arruda De Martini; Gabriella Tiradentes Pizetta (Coordenadora substituta);  
João Carlos Alciati Thomé (Coordenador); João Luiz Almeida de Camargo; Kelly Bonach;  
Marcello Lourenço; Marília das Graças Mesquita Repinaldo; Nilamon de Oliveira Leite Jr;  
Roberto Sforza; Sandra Márcia Xavier Tavares.

### Convidado:

Alejandro Fallabrino (Instituto Karumbé).

### Projeto Gráfico e Diagramação:

Daniel Guimarães Caliare (Designer Gráfico).

### Jornalista Responsável:

Sandra M. X. Tavares.

### Crédito Fotos:

Banco de Imagens Centro TAMAR/ICMBio (Marcello Lourenço, Sandra M. X.  
Tavares, João Luiz Almeida de Camargo, Kaliany dos S. B. Bragança); Banco  
de Imagens Fundação Projeto TAMAR (Capa); Banco de Imagens da REDE ASO,  
em La Paloma, Uruguai (Ano 2023); Alejandro Fallabrino (Instituto Karumbé),  
Gabriela Velez Rubio e Ramon Ivo.

### Contatos:

Email: centrotamar@icmbio.gov.br

Instagram: @centrotamaricmbio

Telefones: (71) 8174-8614 / (71) 8175-6348 (Escritório - Vitória-ES e Administrativo)

### Site:

<https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/centros-de-pesquisa/tartarugas-marinhas-e-biodiversidade-marinha-do-leste>

### © Copyright 2024, Centro Tamar - ICMBio

Permite-se a reprodução desta publicação, em parte ou no todo, sem alteração de conteúdo, desde  
que citada a fonte e sem fins comerciais.

# RISCO DE EXTINÇÃO DAS TARTARUGAS MARINHAS NO BRASIL

AVALIAÇÃO DO RISCO DE EXTINÇÃO - 2022



## Verde

(*Chelonia mydas*)

Classificação no Brasil:

Quase Ameaçada



## De pente

(*Eretmochelys imbricata*)

Classificação no Brasil:

Em Perigo



## De Couro ou Gigante

(*Dermochelys coriacea*)

Classificação no Brasil:

Criticamente

em Perigo



## Cabeçuda

(*Caretta caretta*)

Classificação no Brasil:

Vulnerável



## Oliva

(*Lepidochelys olivacea*)

Classificação no Brasil:

Vulnerável



### CATEGORIAS DE CLASSIFICAÇÃO SEGUNDO O RISCO DE EXTINÇÃO



Lista Nacional Oficial de Espécies da Fauna Ameaçadas de Extinção.  
Portaria GM/MMA N° 300, de 13 de dezembro de 2022.



Ilustrações: Alexandre Huber  
Copyright: Centro TAMAR-ICMBio

# BOLETIM CENTRO TAMAR

— ICMBio - MMA —

<https://www.gov.br/icmbio/pt-br/assuntos/centros-de-pesquisa/tartarugas-marinhas-e-biodiversidade-marinha-do-leste>

REALIZAÇÃO:



MINISTÉRIO DO  
MEIO AMBIENTE E  
MUDANÇA DO CLIMA

